

decretos e portarias, enfim, um inferno de cousas para que 56 irmãs de caridade podessem deixar o paiz ingrato dos lusos, acusadas simplesmente, notem bem os leitores, *por educarem de mais umas pobres crianças do povo!*

Mas, tambem, leitor, pareceu praga — o paiz nunca mais logrou ter boa saude!

Nós felizmente estamos n'outro caso.

Se por ahí, uns estonteados se têm lembrado de trazer a público uns insignificantes mysterios d'estas filhas dilectas de S. Vicente, tudo tem sido vitoriosamente defendido pelas boccas autorisadas e inspiradas dos Zacharias, dos Cancidos Mendes, dos Tarquinios, dos Leandros e dos Ludgeros. Por isso o meu coração quasi se não assusta d'estes degenerados filhos do catholicismo.

Permitta o leitor que lhe dê uma ideia clara, positiva e fiel do viver das irmãs de caridade.

\*

Estas filhas da humanidade são umas angelicas criaturinhas que similhantes ás andorinhas do Senhor não tem patria, nem familia, nem amigos, nem ninguem, isto é, tem apenas em Pariz o superior de S. Vicente de Paula.

Conservemos pois por alguns momentos os olhos fitos n'essas bohemias da fortuna; estudemos-lhes a lividez do resto, a morbidez dos olhos, o descarnado das faces... pobres filhas! ..

Ei-las a professar: — de um lado está a mãe carinhosa banhada em lagrimas, verdadeira Niobre de dor, o pai que a custo reprime as lagrimas que lhe querem afogar a palavra, as extremosas irmãs abraçadas umas ás outras que confundem em côro laceirante os seus soluços, o irmão que chora em silencio, os amigos da familia que assistem commovidos á ceremonia e até os indiferentes que silenciosamente se encaram; — do outro lado está o altar com o sacerdote em frente ambos, silenciosos e frios.

Está terminada a ceremonia: — a neophita despede-se do paiz, da mãe, da familia, das amigas com os olhos enxutos, com as mãos geladas, com o coração de marmore: — é nobre de heroísmo; é já filha de S. Vicente.

\*

Ei-la de rosario preso ao cilicio a correr mundo, a expatriar-se, a buscar os hospitaes, os collegios estabelecidos, a humanidade desprotegida.

Ahi a tens em frente d'um infeliz que morre, não tanto pelas dores do corpo, mas pelas dores da saudade mil vezes mais insufríveis. — Encara esse infeliz que chora pela patria, que está longe, pela mãe, esposa, filho que lá deixou; vê que pede umas consolações a quem saiba comprehender dores similhantes, e que encontra uma mulher funebre, sinistramente vestida, fria, hirta, ministrando-lhe ás horas precisas o receituário, symbolicamente, methodicamente, sem dizer uma palavra, sem corresponder áquelle olhar afflictivo, que a sua alma não comprehende porque não foi esposa, porque não foi mãe, porque não foi irmã, porque não foi amiga.

Mas que importa, se a sua missão é aquella!

\*

Estudemol-a ainda ao lado do medico.

E' a hora da operação. Os preparativos estão em ordem, o paciente resignado a sofrer a amputação de um braço. A irmã de caridade é a enfermeira, o medico sabe o que ella vale. Faz-se a operação, o doente estorce-se com dores incomportaveis, todos se contristam d'aquelle espectaculo, o proprio medico euruga a testa, — só a irmã impassivel, imperturbavel, verdadeiro automato — parece nada entender do que se passa em torno de si: — nem uma palavra de compaixão ou consolo, nem um sorriso

meigo, nem um olhar compassivo! E' aquillo, sempre sinistro, sempre atterrador!

Mas, se são anjos da caridade!...

E depois que mãe haverá que não lhes confie a educação dos seus mimosos filhos, dos filhinhos que ella ensinou com beijos de amor e carinho a balbuciar essa prece sublime de fé ao Deus de misericordias? Quem? Que importa que essas pobres crianças saiam d'uns braços ternos para uns braços descarnados e sem vida? Que importa que em vez de carinhos, tenham a rispeza austera d'uma devocão fanatica? Que importa?!

É por isso, leitor, que eu as venero e admiro.

Bem sei que as verdadeiras consolações aos que soffrem só se podem esperar de quem já sofreu e lutou; bem sei que de mulheres que romperam com as mais puros affectos, sem que uma lagrima de saudade lhes humedecesse as palpebras, nenhuma palavra de resignação pôde esperar o infeliz que expatriado geme n'um cátre d'hospital; bem sei que a mulher que não foi amada, que não foi esposa, que não foi mãe, que não experimentou estas grandes sensações, com os seus gosos e contrariedades e provações, pouco pode dizer diante do infortunio da orphandade, da viuez, da miseria, bem sei; mas quem ousará disputar-lhes a auréola de mystica maceração, da santidade pela immortalidade da alma?

Não, Caipira, tu não és nem justo, nem sensivel, nem religioso — Revoltas-te contra umas futilidades que pouco exprimem, e deixas as grandes virtudes na sombra do esquecimento.

Não senhor: as irmãs são uns grandes auxiliares da companhia de Jezus, e eu sou admirador da companhia de Jezus: expulsar aquellas ou expulsar esta é uma crueldade sem nome. A Alemanha e Portugal, bem como o mano Philippe, não tem razão alguma — Negar os altos serviços que estas duas desinteressadas instituições têm prestado ao progresso — é negar brilho ao sol, ao Sr. C. Mendes — juizo.

Nos paizes onde Loyola ou Paula puzeram pé, é adiantamento certo — Senão, veja-se o Paraguay!

Não, senhor: justiça a quem a tem — Eu sou pelas duas amadas instituições.

\*

Leitores; o meu fim está preenchido, a causa das irmãs mais uma vez triumphou.

Se estas queridas filhas me quizerem presentear — eu não serei ingrato.

ANNEQUIM.

## VENUS E EU

D'essas comparações que a troche-moche  
Do romantismo o genio cá nos trouxe...

B. GUIMARÃES.

Ao nascer d'alva, quando a luz irrompe  
No céu, e a Noute a escuridão arruma,  
Surjo da nuvem — dos lençoes de linho,  
Bem como Venus — dos lençoes d'espuma;

Ella, aljofrada pelos pingos d'agua  
Na tez luzente do moldado peito,  
Eu, sob o influxo do cruel aconito,  
Suando em gotas do calor do leito.

Venus, no dorso do elemento salso  
Vela os contornos... em total nudez!  
Eu, sob a concha de sapé do tecto,  
Conchego ao dorso o sobretudo inglez.

Ella, cérando de vergonha e os rozeos  
Labios transidos da salsugem fria ;  
Eu, bocejando de preguiça e tedio,  
Boca travada do amargor da azia.

Ella, com medo aos *Dons Juans* marinheiros,  
Meros, Camellos... (que sensata moça !)  
Eu, com receio que devore a *critica*  
« As trovas simples do cantor da roça »

Venus, nas formas seductora , lubricas,  
Revela o tipo do ideal do bello ;  
Eu, na magreza da estructura ossea,  
Mostro que soffro... o que soffria *Stello*.

Depois a deusa, de Morpheu nos braços  
Vôa serena na amplidão infinita :  
Eu... por motivos que direi ao Bispo  
Volto ao meu leito e vou dormir ainda.

EZEQUIEL FREIRE.

### CÁ E LÁ...

Temos noticias fresquinhas da França e capazes de fazer virar o toutiço ao Ribeirinho-gordo, por exemplo, — um dos mais sympatheticos e rotundos typos republicanos do meu conhecimento.

A assembléa nacional substitue Thiers pelo general Mac-Mahon, criatura da particular affeição de todos os partidos monarchicos, e as diferentes cōrtes da Europa mandam logo saudar o novo sol, que desponta no horizonte, ao som de foguetes e á luz de luminarias !

A estas horas, talvez, procura-se um rei, um ente que valha mais do que Thiers pela sua origem *divina* mas que valha menos pela sua intelligencia ás vezes analphabetica.

E o que fez o partido republicano da França perante uma crise tão séria ? Esperou que o chamassem e votou !

Fez o mesmo que a maior parte dos nossos deputados cujo talento se revela por duas brilhantes faces: — recebem pontualmente o subsidio, e votam !

O grande caso é que a França de Thiers é hoje a França de Mac-Mahon, e amanhã será o imperio e o throno de algum pequeno Napoleão, cahido na decadencia como o celebre rei *Zanguizarra da Flôr de Maio*, que nas horas vagas limpava com uma escova de unhas a sua deslumbrante corôa de pechisbeque, que já tinha offuscado a vista de seus subditos, antes da sua queda.

Com a saída do presidente da republica baixaram os fundos publicos.

A razão é muito plausivel — é por que nos fundos, houve mais lealdade e mais honra do que na Assembléa Nacional: — Subiram enquanto o presidente subia, e desceram quando elle desceu.

\* \* \*

Cá e lá más fadas ha, era o titulo d'este artigo se não fosse tão comprido. E com este titulo eu pretendia approximar por um momento as politicas de lá e as politicas d'aqui.

Era possivel por exemplo, que me lembresse já e já de dizer que o partido liberal faz o sacrificio enorme de sustentar o Sr Zazarias como chefe do partido unicamente para que os fundos publicos não se abalem.

Quem não ha de louvar este nobre procedimento da *Reforma* ?

O que quer a *Reforma* ? Vejamos se não é isto: — o triumpho das idéas liberaes, por que d'ellas virá a liberdade de acção, a liberdade de pensamento e de CONSCIENCIA, o desenvolvimento de todas as actividades nas industrias, no commercio e na agricultura, porque d'ellas virá emfim a riqueza nacional e a alta das apolices.

Mas o Sr Zacarias chefe do partido liberal não está de acordo com a liberdade de CONSCIENCIA, e em vez de querer colonos para amanhar a terra, quer jesuitas para propagarem a moral de Molina, e irmãs de caridade para... educarem esta sociedade corrompida, e ás quaes se deve a graça de impedirem que sobre nós tenha já cahido a condenação de Gomorra.

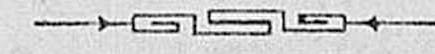
E n'estes casos, depois de muito raciocinar, depois de muitas insomnias pude comprehendêr a razão porque o Sr Zacarias continua a ser chefe dos liberaes, e por que a *Reforma* o tem em seu seio.

Sim, senhor, é uma lembrança bem achada, é uma subtileza digna das mais sagazes politicas.

A *Reforma* tem no seu gremio o Sr Zacarias com uns fins, que só lembram ao diabo. O primeiro é ter consigo um jesuita que poderia ser perigoso nas araiás contrarios: o segundo é andar sempre bem informado do que pensa o Papa, do que pensam os Bispos, e dos manejos de todos os jesuitas, à robe longue et à robe courte.

Agora comprehende-se os serviços prestados pela *Reforma* ao progresso e liberdades patrias.

PEDRO MALLAS ARTES.



### SALPICOS

O que é a gente saber com quem lida !

Sabbado passado tive eu a prudencia de me não pronunciar a respeito da companhia lyrical, esperando a opinião da *Vida Fluminense*, para fazer d'ella a minha musa inspiradora.

Ahi é que eu fui alho. O collega saiu-se, conforme a previsão cá do Degas, com um eruditíssimo artigo sobre o *spartito* da companhia e a *tessitura* do Sr Carti. Aquelle meu collega, em musica, é forte como um trombone.

E d'ahi, está no seu direito. Faz erudição, é porque pode. Eu não faço o mesmo porque tenho a felicidade de não ser sabio, de não distinguir um dó-de-peito d'uma botija d'água de Seltz.

\* \* \*

Quanto á companhia, não se pode dizer que é propriamente a melhor do mundo, mas tambem não se pode querer impossíveis.